

PESSOA: ALMA VIVENTE – TEOLOGIA EM DIÁLOGO COM AS NOVAS CIÊNCIAS DO CÉREBRO

THE PERSON: A LIVING SOUL - THEOLOGY IN DIALOG WITH
THE NEW SCIENCES ON THE BRAIN

Dr. Gerson Joni Fischer¹

RESUMO

É possível reduzir a existência de uma pessoa a uma explicação de ordem neurofisiológica? A liberdade que lhe é característica, para tomar decisões e colocá-las em ação, prossegue um mistério. O presente artigo discorre sobre as possibilidades e os limites das novas ciências do cérebro, fazendo-o em diálogo com a Teologia e à luz de considerações filosóficas. O assunto desperta a atenção das mais distintas áreas de conhecimento, não por último no âmbito da Teologia oriunda da tradição cristã. Isto porque é a pessoas que se direciona a mensagem evangélica. Homens e mulheres poderão prosseguir sendo responsabilizados por suas decisões e ações, uma vez que venham a ser reduzidos ao princípio de causa e efeito que orienta as ciências exatas? O axioma aqui endossado é que a pessoa se apresenta sempre como um fenômeno espontâneo. O corpo e a alma, o cérebro e a mente, surgem como fatos distintos, porém, unos e indivisíveis. Pessoas *não possuem*, antes *são* almas viventes. É conhecido no âmbito da Teologia o testemunho acerca da encarnação, quando Deus se fez humano

¹Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), professor no Mestrado Profissionalizante e no Bacharel em Teologia (EaD) das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), Curitiba, PR - Brasil. Pós-Doutorado em Berlim, Alemanha (abril a novembro de 2010). Ênfase da pesquisa: neurociências e neurofilosofia. Grande área: Ciências Humanas; Áreas: Filosofia e Teologia. Local da Pesquisa: Humboldt University of Berlin. Apoio: Dr. José Raimundo Facion. Bolsista da Evangelische Kirche in Deutschland. E-mail: gersonjf@hotmail.com

em Jesus Cristo. Para a fé cristã um entendimento integral de pessoa é fundamental por encontrar-se intrinsecamente relacionado com a mensagem evangélica, com base na qual a igreja vive e anuncia salvação e o cuidado para com toda a criação. Qualquer espécie de dualismo que venha a envolver pessoas, inspirado na visão cartesiana ou em uma versão oculta da mesma, não faz justiça ao evangelho de Jesus Cristo, ao Deus encarnado. A fé cristã não serve para a defesa de uma imagem de pessoa centrada nela mesma. Ela é sempre necessitada de reconciliação. Dualismos são reflexos do ser que permanentemente divide. O testemunho que lhe é peculiar (da justificação do pecador e da liberdade em Cristo) se apresenta como seu tributo para sustentar a união de tudo o que insistentemente se procura fragmentar.

Palavras-chaves: Pessoa. Ciência e fé. Dualismo e reconciliação. Neurociências e Teologia.

ABSTRACT

Is it possible to reduce the existence of a person to an explanation of neurophysiological order? The characteristic freedom of the individual, that of making decisions and putting them into action, remains a mystery. This present article elaborates on the possibilities and limits of new sciences on the brain while conversing with theology under the light of philosophical considerations. The subject commands the attention of the most distinctive fields of expertise, not excluding that of theology based on Christian tradition. That is because the message of the gospel is directed towards people. Will men and women continue to be made responsible for their decisions and actions once they are reduced to the principle of cause and effect that guides Science? The maxim here endorsed is that the self is always presented as a spontaneous phenomenon. The body and soul, and the brain and mind come to light as distinctive facts, yet, as one and indivisible. People *do not possess*, but rather *are* living souls. Within the field of theology, there is testimony concerning incarnation, when God became human in Jesus Christ. For the Christian Faith, integral understanding of the self is fundamental, as it is intrinsically related to the message of the gospel. It is the foundation on which the church lives and announces salvation and care for all creation. Inspired by the Cartesian view, or a hidden version it, any kind of dualism that may come to involve people does not do justice to the gospel of Jesus Christ, God incarnate. The Christian Faith does not serve to defend the image of a self-centered individual. It is always in need of reconciliation. Dualism is the reflection of an individual that

permanently divides itself. Its peculiar testimony, which is the justification of sinners and liberty in Christ, presents itself as a tribute to sustaining the union of all things that are persistently subject to being fragmented.

Keywords: Self. Science and Faith. Dualism and reconciliation. Neuroscience and theology.

INTRODUÇÃO

Há consenso entre os neurocientistas contemporâneos de que o cérebro humano, bem como o corpo em seu todo, inserido em contexto, participa ativamente na realização dos processos mentais, inclusive os de maior complexidade. A rejeição à compreensão clássica, cartesiana, de corpo e alma é praticamente unânime. Pode, entretanto, o fenômeno da existência da pessoa ser reduzido a uma ordem neurofisiológica, da qual emanam todos os seus estados subjetivos? A liberdade característica desta, de tomar decisões e colocá-las em andamento, prossegue sendo um mistério não completamente entendido. A presente produção discorre sobre as possibilidades e os limites das novas ciências do cérebro, especificamente quando o tema se relaciona com a imagem de pessoa que pode ser defendida à luz do estágio atual das pesquisas neurais. O assunto é de interesse da área de conhecimento teológica, uma vez que é a pessoas que se direciona e destina a mensagem evangélica.

Não são as conclusões mais extremadas de neurocientistas e neurofilósofos, ao asseverarem que não há um Eu pessoal e que a liberdade de tomar decisões é ilusão, reflexo de uma cultura contemporânea que não mais suporta o ideal do Sujeito ético da modernidade, de índole tipicamente moralista? Para todos aqueles que atuam na promoção da vida e dignidade humanas, a discussão proposta se reveste de um caráter multidimensional: antropológico, ético e religioso. Homens e mulheres prosseguirão sendo responsabilizados por suas decisões e ações, uma vez que venham a ser reduzidos ao princípio de causa e efeito que orienta as ciências exatas?

O axioma aqui endossado é que a pessoa se apresenta sempre como um fenômeno espontâneo. O corpo e a alma, o cérebro e a mente, surgem como fatos distintos, porém, “absurdamente” unos e indivisíveis. O ser humano resulta ser sempre mais do que a soma de suas partes. É conhecido no âmbito da Teologia o testemunho acerca da encarnação, quando Deus se fez humano em Jesus Cristo. Pessoas *não possuem*, antes *são* almas viventes.

Para a fé cristã o entendimento “unidual” de pessoa se justifica por encontrar-se intrinsecamente relacionado com a mensagem evangélica, com base na qual a igreja

vive e anuncia salvação e o cuidado para com toda a criação. Qualquer espécie de dualismo que venha a envolver seres humanos e o cuidado para com estes não faz justiça ao evangelho de Jesus Cristo, ao Deus encarnado. A visão “monista”, quando reduzida à lógica do corpo físico, entretanto, também não se sustenta, pois prossegue sendo dualista; um cartesianismo oculto. De que maneira superar esta invariável tendência à divisão?

É imperativo recordar que a fé cristã não serve para a defesa de uma imagem de pessoa centrada nela mesma. Esta é sempre necessitada de reconciliação. Dualismos são reflexos do ser que permanentemente divide. O testemunho que lhe é peculiar (da justificação do pecador e da liberdade em Cristo, decorrente da graça de Deus e da fé) se apresenta como seu tributo para sustentar a união de tudo o que insistentemente se procura fragmentar. Faz-se referência a uma liberdade que carece ser percebida de modo vivencial. A reconciliação da pessoa com Deus, com o próximo e com seu meio enquanto oferta imerecida surge como promessa divina de que esta é de fato pessoa. Sua exacerbação, porém, distanciada das relações restauradas, obedece à sua negação. A mensagem do evangelho é a do Cristo *por nós*: promessa de pessoalidade e reconciliação.

I. O CÉREBRO E OS PROCESSOS MENTAIS: CRÍTICA AO DUALISMO CARTESIANO DE CORPO E ALMA

Amplia-se em distintos ambientes científicos o entendimento de que as neurociências estão em condições de abonar uma elucidação plausível para o acontecimento da consciência, dos cursos mentais e da aptidão humana em conferir importância às suas ações. Tais esclarecimentos posicionam a pessoa em uma sorte de máquina biomolecular determinada, uma vez que já são passíveis de serem estudados, por meio de artifícios de imagem, os correspondentes neurais dos referidos acontecimentos no interior do crânio humano.

Há consenso de que é por meio do cérebro, como uma parte essencial do corpo em sua interação com o meio, que ocorrem os sequenciamentos relacionados à atividade mental. As pesquisas envolvendo humanos e animais não abonam refutações. O que se debate acaloradamente, especialmente em meios filosóficos, entretanto, é se a consciência e a liberdade de escolha, como marcas distintivas da pessoa, podem ser reduzidas a uma causalidade materialista e linear. Não seria mais adequado assumir o humano na totalidade de seu ser, um organismo condicionado sim, porém, não determinado, que se vai formando em suas relações?

“Os neurocientistas demonstraram, afinal, que nós não temos alma alguma?”² uma vez que procede destes a asseveração que as aptidões historicamente atribuídas à alma, como um fato não material e imortal, portadora do Eu, são na verdade funções superiores do cérebro, contíguas ao Sistema Nervoso Central. Para Descartes (1596-1650), filósofo, físico e matemático que categoricamente marcou a compreensão de pessoa no Ocidente, a alma não deveria ser igualada com a vida que se revela no corpo. Como aceitar que animais, pelo único fato de serem vivos, pudessem transcender ao estado de meras máquinas biológicas? Para ele, as explicações para os fenômenos dos sentidos e dos movimentos se encontram nas bases fisiológicas e anatômicas do corpo; ao agir da alma, porém, deve ser confiada a consciência e a habilidade para pensar. Na perspectiva cartesiana, falar e pensar são manifestações que separam pessoas de animais e máquinas, possibilitadas pela presença de uma alma.³

De modo semelhante ao filósofo Platão (427-347 a.C.), Descartes afirmou que a pessoa é corpo e alma imaterial, de maneira separada. A alma é substância pensante e o corpo o seu prolongamento. A alma forma o Si, de maneira que a pessoa não está sujeita ao corpo para ser confirmado como tal. Ligados apenas na existência terrena, alma e corpo se afastam pela morte, seguindo aquela a viver eternamente. A alma é a mensageira do Eu, das intuições conscientes, das emoções e da vontade.⁴

Entretanto, “as capacidades para pensar e falar não podem também ser explicadas de modo puramente físico?”⁵ Para os neurocientistas da atualidade, a sequência dos impulsos e reações do corpo, da mente e da vontade não está em debate, ao molde do que Descartes já discutiu em sua época. A dificuldade envolvida no entendimento cartesiano se revela na indagação de como este entrelaçamento ocorre, uma vez que corpo e alma sejam tão distintos: “como pode a alma mover o corpo, se ela mesma não é corporal?”⁶ Em que lugar do corpo acontece a interação de causa e efeito? Para os mencionados cientistas, nada, no âmbito do corpo, agencia a existência de uma alma com predicados psicofísicos.⁷

Descartes apresentou a perspectiva de que a relação causal entre alma e corpo se dava somente em um espaço, a saber, na glândula pineal. Esta formava o centro da

²BECKERMANN, A. *Gehirn, Ich, Freiheit*. Neurowissenschaften und Menschenbild. Paderborn: Mentis, 2008. p. 15.

³FISCHER, G. J. A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma. *Revista Pistis Praxis*, v. 5, n. 1, jan./jun. 2013. p. 59-90.

⁴FISCHER, 2013.

⁵BECKERMANN, 2008, p. 39.

⁶BECKERMANN, 2008, p. 41.

⁷FISCHER, 2013.

circulação entre os órgãos dos sentidos para o cérebro e deste para os músculos. As percepções acontecem devido ao fato de que os nervos que se originam nos órgãos dos sentidos fazem emergir uma “imagem” sobre a glândula pineal, que, de sua parte, acende na alma uma espécie de percepção correlata, sendo este o sequenciamento que fazia possível o surgimento das ações movidas pela vontade, já que são originadas da movimentação da glândula pineal acionada pela alma.⁸

A realidade é que uma interação de causa e efeito entre alma e corpo não pode ser provada. As pesquisas neurobiológicas não podem sustentar até o presente nenhum ponto de convergência, onde ocorram atividades de causas não fisiológicas sobre o corpo. Hoje, não há mais lugar para um entendimento cartesiano dualista de pessoa e na qual este aparece como Senhor *absoluto* sobre suas decisões e ações.⁹

Descartes tinha entendimento de que a ação causal da alma, mesmo que de modo quase imperceptível, contradizia as leis da física. Ele admitiu que a interação entre alma e corpo somente podia ser assimilada pelos sentidos e não pela força dos conceitos; em outros termos, os pensamentos metafísicos cooperam para o cultivo das ideias, tornando a conotação de alma aceitável. De modo que permanece a pergunta: De que maneira algo espiritual pode conter em si algo que é corporal e vice-versa, uma vez que são distintos?¹⁰

Os testes feitos com pessoas voluntárias, encabeçados por Benjamin Libet nos anos 70 e 80 do século passado, revelaram que movimentos neurais se desenvolvem no cérebro “antes” que uma decisão consciente se converta em uma ação, entendendo-se assim que a liberdade, a vontade humana, encontra-se determinada ou, ao menos, condicionada a antecedentes neurais. Sustenta-se, a partir daí, que há um *continuum* entre as atividades mentais e neurais, pondo em juízo velhas distinções radicais entre corpo e alma.¹¹

O ponto nevrálgico do dualismo cartesiano é persistir na radical distinção entre fenômenos físicos e mentais, de maneira que se suscita a indagação pela sorte de mecanismo que possibilite o contato causal entre substâncias materiais e imateriais. Como reagir a tal pergunta? A lei de causa e efeito é sustentada na ciência a partir da matéria e assenta-se sobre forças físicas. Desde a revolução copernicana, quando se desistiu do conceito de ser a Terra o centro do Universo, cruzando o darwinismo e a

⁸ FISCHER, 2013.

⁹ FISCHER, 2013.

¹⁰ FISCHER, 2013.

¹¹ LIBET, B. Haben wir einen freien Willen? In: GEYER, C. (Edit.). *Hirnforschung und Willensfreiheit. Zur Deutung der neuesten Experimente.* Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004. p. 268-289.

consequente rejeição de que os seres humanos de alguma maneira transcendem em significado e valor às demais espécies, busca-se uma explicação causal para todos os fenômenos circundantes. Tal inclui o humano, sua consciência, capacidade cognitiva e de atribuir sentido à sua existência e experiências.

2. O ENIGMA DA CONSCIÊNCIA E DA LIBERDADE DE ESCOLHA FRENTE AO REDUCIONISMO NATURALISTA-MATERIALISTA

O elemento comum compartilhado por aqueles que tentam compreender o mistério do humano por meio de uma premissa materialista é que iniciam suas considerações pelo viés evolucionista, a partir do qual o organismo físico, tendo o cérebro por seu centro, é autossuficiente para elucidar o fenômeno da consciência e da liberdade. A metodologia que direciona suas ideias é o princípio de causalidade. A lei de causa e efeito estabelece que todo e qualquer efeito sobre determinada matéria tem origem em uma causa que lhe antecede, seja ele de ordem elétrica, química, térmica ou óptica.

A norma, quando aplicada por neurobiólogos e neurofilósofos no intento de desvendar o fenômeno da vida consciente, atrela suas conclusões aos sinais transmitidos pelas células nervosas no cérebro. Os neurocientistas, em seu embasamento teórico naturalista, ao assim proceder, assumem uma premissa materialista na explicação do fenômeno da existência pessoal. Nela, a consciência, em todas as suas manifestações, é acontecimento passível de ser reduzido ao que transcorre no cérebro humano.

A atitude mais extremada entre os neurobiólogos e neurofilósofos versa a afirmação de que não se deveria mais argumentar a favor da existência da consciência e da capacidade de fazer escolhas, por se ter “concluído” que o comportamento de homens e mulheres emerge dos desenvolvimentos neurofisiológicos que encontram seu centro no cérebro, no Sistema Nervoso Central. A consciência do Eu e da liberdade seriam pura ilusão. Para filósofos de orientação naturalista, como Pauen¹² e Beckermann,¹³ entretanto, não é necessário opor liberdade de escolha e determinismo. Em seu entender, apesar de ser possível a consciência encontrar-se determinada pelos processos neurais cerebrais, pode-se continuar - com limites - argumentando a favor da responsabilidade das pessoas por suas decisões e ações.

¹² PAUEN, M.; ROTH, G. *Freiheit, Schuld und Verantwortung*. Grundzüge einer naturalistischen Theorie der Willensfreiheit. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

¹³ BECKERMANN, 2008.

Há um “eu”, não como substância, a exemplo da alma defendida por Descartes, que emerge do cérebro, de maneira que o determinismo é a melhor alternativa no que se refere ao que ocorre com o ser humano em suas opções e consequentes atos que leva a efeito, pois o oposto implicaria atribuir sua existência ao acaso.¹⁴

Enquanto palavras-chaves, consciência e livre-arbítrio unem neurobiólogos e filósofos diante da indagação se a pessoa é determinada em suas opções e atos por intermédio de um acontecimento puramente neurofisiológico que ocorre em seu cérebro. Sendo a resposta dada positiva, investiga-se o modo de harmonizar liberdade e determinismo. Há o parecer de que esta hipótese está longe de ser comprovada e que muitos recursos financeiros precisam ser investidos em pesquisa para que venha a ser tornar conclusiva. Porém, já se atua, em muitos meios, como se a hipótese já fosse efetivamente uma tese.¹⁵ A busca do ser humano por encontrar e atribuir sentido à vida, com sua infinita gama de experiências, permanece um problema não decifrado.

A pergunta em torno da compreensão do humano não se responde a contento pela justaposição dos arranjos dualista ou monista materialista, uma vez que estes correspondem mais a visões de mundo que foram sendo assumidas em determinado tempo e lugar. A pessoa continua um mistério, em permanente desvelar.

Bennett e Hacker apontam para a temeridade de se fazerem afirmações precipitadas no que diz respeito à manifestação dos fenômenos da consciência humana, uma vez que as pesquisas sobre as assim nominadas redes neurais são altamente complexas e encontram-se longe de serem conclusivas.¹⁶ Christian Geyer levanta um questionamento interessante ao indicar que o momento social ocidental parece favorável para a aceitação de uma alocação reducionista acerca do humano, que transforma a consciência e a liberdade em puro fenômeno neural. Este seria reflexo da dificuldade do encontro consigo mesmo?¹⁷

O esforço em discorrer e propor o eu pessoal com base em seus aspectos fisiológicos importa uma diligência louvável do saber científico, especialmente desde que se introduziu o conceito teórico de cérebro em rede, com suas sinapses e neurotransmissores. Não se deve deixar de considerar, entretanto, que todo

¹⁴ PAUEN; ROTH, 2008.

¹⁵ TRETTER, F.; GRÜNHUT, C. *Ist das Gehirn der Geist? Grundfragen der Neurophilosophie*. Göttingen - Bern - Wien - Paris - Oxford - Prag - Toronto - Cambridge, MA - Amsterdam - Kopenhagen - Stockholm: Hogrefe, 2010.

¹⁶ BENNETT, M. et al. *Neurowissenschaft und Philosophie*. Gehirn, Geist und Sprache. Berlin: Suhrkamp, 2010.

¹⁷ GEYER, C. Vorwort. In: GEYER, C. *Hirnforschung und Willensfreiheit*. Zur Deutung der neuesten Experimente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004. p. 9-19.

conhecimento se apresenta dentro de âmbitos históricos e culturais e oferece respostas aos valores e interrogantes de seu meio social. A uma neurociência deve corresponder obrigatoriamente uma ciência da cultura.¹⁸

3. PESSOA: ALMA VIVENTE - POSSIBILIDADES E LIMITES DAS NEUROCIÊNCIAS

Decide-se pela palavra “*condicionado*” ao invés de “*determinado*”, escolhida por neurofilósofos naturalistas-materialistas, uma vez que se entende que processos conscientes, inconscientes e neurais interatuam na pessoa, sem, contudo, que a duas primeiras realidades se encontrem em relação de sujeição absoluta ao cérebro. Compreende-se ser o humano um fenômeno de maior complexidade, que é consciente e livre, não restringido a seu cérebro. Não seria a ocasião de, em vista de informações obtidas acerca da laboração do cérebro humano, ajustar a imagem de pessoa a outro modelo de referência, isto é, no qual esta seja aproximada com base em um critério de integralidade?

Uma das ideias-guia que se encaixa é que a filosofia naturalista, no que se relaciona à compreensão da pessoa sujeita a uma premissa materialista, não suplanta o dualismo cartesiano que a princípio renuncia. Enfim, não se obteve sucesso em comprovar até hoje como o cérebro altera instintos puramente físicos em “produtos” mentais. A rejeição ao dualismo cartesiano entre naturalistas necessariamente precisa levar a um monismo reducionista materialista no entendimento da pessoa? Não seria possível uma aproximação fenomenológica e unidual¹⁹ a esta, na qual se abre espaço para chegar-se à mesma unicamente enquanto ser vivente, em essência uno e único; em vocabulário teológico, alma vivente, um ser feito carne? (Sl 103.1-2; Jo 1.14).²⁰ Este ser é, desse jeito, a pessoa viva, espiritual, na medida em que tal definição não seria oposta ao corpo físico. Há uma distinção fundamental em dizer-se que o ser humano “é alma vivente”, ao invés de sugerir que ele “tem uma alma”.

O que se objeta é que nas neurociências se encontra uma tendência de usar recursos conceituais e linguísticos que se originam, entre outras, da Psicologia e da

¹⁸ BREIDBACH, O. *Neue Wissensordnungen*: Wie aus Informationen und Nachrichten kulturelles Wissen entsteht. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

¹⁹ Usam-se as palavras “*fenomenológico*” e “*unidual*” para aludir ao surgimento e desenvolvimento da vida consciente como um todo que não pode se dividir, conservando a tensão entre seus distintos aspectos, a saber, corpo e mente, ou, em terminologia clássica, corpo e espírito (alma), em constante interação intersubjetiva com o ambiente.

²⁰ BÍBLIA Sagrada: Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000. A palavra “alma”, que aparece na tradução do Salmo 103, pode ser traduzida por “ser vivente”.

Filosofia e, por não serem de aproveitamento imparcial em função de sua própria semântica, não são passíveis de serem transpostos, sem uma devida crítica, para o âmbito das ciências biológicas e seus métodos de investigação, com o risco de se incorrer em erro de sobreposição dos sentidos.

A existência consciente para cada pessoa é tão singular quanto impermeável. Não existe, em efeito, proposta de uma teoria do conhecimento para o acontecimento mental que complete satisfatoriamente todas as perguntas que se levantam. Há sujeição a palavras carregadas de significação histórica, de maneira que não se pode defender uma objetividade absoluta na compreensão e comunicação das conclusões obtidas com as pesquisas realizadas. Significado é uma pressuposição para a difusão de um conhecimento. Se os termos usados não fazem sentido, nada elucidam e nenhuma verdade é apoiada. É por esta razão que um dos alvos da Filosofia é averiguar o significado dos termos e expressões aproveitados em discursos, inclusive nas neurociências, com a finalidade de testar e clarificar os sentidos que estão por trás dos mesmos. Estas palavras compartilham realmente as descobertas e teorias desenvolvidas pelas neurociências? Elas apoiam ou não alguma verdade? Por exemplo, que sentido imprime a declaração de que o cérebro percebe, pensa, lembra, emociona-se e se motiva? As palavras incluídas nesta afirmação têm uma gênese e semântica ligada à tradição da Psicologia e não podem ser de imediato transpostos para outra área do conhecimento. Pessoas, não cérebros, refletem, percebem e recordam.²¹

Pondere-se a etimologia do substantivo *“psique”* como sinônimo de alma e se observará que se demandará dos teóricos da Psicologia, enquanto ciência da experiência e do comportamento, uma vez assumida a teoria naturalista reducionista, que revisitem a semântica de suas categorias tradicionais usadas para explicar os processos, estados e funções psíquicas - entre outras: percepção, pensamento, memória, emoção-motivação, atenção, impulso, assim como proposições terapêuticas consequentes. Seria isto possível?

Os naturalistas, de modo geral, esforçam-se por conservarem-se fiéis às clássicas ponderações sobre o problema corpo e alma - hoje se faz menção à relação cérebro e mente - nas quais a liberdade do ser humano para deliberar e assumir responsabilidade pelo decidido aparece como axioma. E, de outro lado, no que diz respeito aos naturalistas-materialistas, ensejam integrar os conhecimentos das

²¹BENNETT et al., 2010.

neurociências, que tendem a defender um tipo de identidade pura e simples entre mente e cérebro, na melhor das conjecturas, um monismo emergente.

Ao firmarem-se no âmbito das considerações clássicas e mesmo não aceitando mais o dualismo cartesiano de substâncias, entretanto, prontamente caem em um dualismo estrutural. Isto porque o quadro de referência quanto ao entendimento de quem é a pessoa não mudou de fato. É isto que se manifesta no arranjo naturalista materialista. A esta classe de dualismo se chama de cartesianismo oculto ou criptocartesianismo.²²

A hipótese com a qual se atua - demandando desenvolvimentos maiores - é que os debates em torno do objeto de pesquisa das neurociências, que não mais, em muitos âmbitos, limita-se ao entendimento do funcionamento do cérebro, aventando decodificar o mistério da consciência humana, estão com as atenções circunscritas em excesso sobre si próprias, como que em um círculo vicioso. Isto porque tais contendidas reproduzem um modelo - paradigma - dualista cartesiano de terceira geração, não mais na clássica ausculta da relação entre corpo e alma, entretanto, hoje, na de mente e cérebro e, por uma cultura absolutamente científica sujeita ao método empírico que se direciona insistentemente pela lei da causalidade, reduzindo todas as realidades à mesma:

Eu *tenho* um corpo e estou *no* crânio de meu corpo. Esta é uma variável materialista do cartesianismo. Um motivo central, devido ao qual escrevemos nosso livro, é a firme convicção de que os neurocientistas modernos bem como muitos filósofos ainda permanecem na ampla e escura sombra de Descartes. Pois embora recusem a substância imaterial da alma cartesiana, transportam suas características sobre o cérebro humano, com o que deixam intacta por inteiro a equivocada concepção cartesiana da relação entre alma e corpo.²³

Maxwell R. Bennett e Peter M. S. Hacker²⁴ batizam esta estrutura de “variável materialista do cartesianismo”, equivalendo à afirmativa “eu *tenho* um corpo e estou *no* crânio de meu corpo”, ao invés de simplesmente se confessar, exaltar e admirar que “eu *sou* um corpo, *sou* o crânio de meu corpo, *sou* a mente que pensa, *sou* as emoções por meio das quais me comovo, *sou*...”

Ao se buscar tratar como no cérebro surgem todos aqueles fenômenos da vida

²² BENNETT et al., 2010; FISCHER, G. J.; FACION, J. R. Uma nova imagem de pessoa? Neurociências e filosofia: possibilidades e limites. *Revista Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 51, n. 2, 2011. p. 288-303.

²³ BENNETT et al., 2010, p. 230.

²⁴ BENNETT et al., 2010.

que se assentaram na modernidade nomear de mente, alimenta-se esta estrutura dualista reduzida do *ter* no crânio alguma coisa que o faz pensar, ao invés de se invocar o que o dia a dia da vida das pessoas confirma ser real, mas que jamais se deixa explicar por inteiro: *eu sou* tudo isto que se oferece como fato indivisível. Descartes pode, neste caso, ser estimado, ao ponderar que as considerações teóricas são imperativas frente a um assunto tão complexo quanto este que diz respeito à imagem que se constrói da pessoa. O que se nota acerca do humano deveria ser aceito como um enigma por ir se desvelando, mas que ao fim mantém-se um segredo. Em outras palavras, teológicas, a explicação da vida acha-se escondida em Deus.²⁵

Bennett e Hacker evocam o raciocínio aristotélico acerca do tema. Corpo e alma, cérebro e mente, são os dados de uma só realidade, isto é, a vida com todos os seus predicados. Vida esta que é um acontecimento de elevada complexidade, bem mais abrangente do que o ser pensante que tanto distinguiu a cultura moderna.²⁶ Pode-se compendiar esta perspectiva com a imediata afirmação paradoxal: “a mente é [...] nem uma substância diferente do cérebro, ainda com o cérebro idêntica”.²⁷

O dualismo de substâncias e o monismo materialista não abonam explicação para o fenômeno da vida humana, que se oferece como paradoxal e, quando aplicados, não superam o dilema que se procura elucidar, mantendo-se no império da sombra cartesiana. Demanda-se outro padrão para o seu enfoque, filosoficamente reflexivo, ao lado do qual o vocabulário teológico poderia vir a tomar o seu lugar, espalhando, sempre enquanto testemunho, a pessoa como criatura divina, espiritual, um “ser feito carne”. A mente e o cérebro, a alma e corpo, estão tão intrinsecamente ligados que somente podem ser abrigados e tratados sustentando-se uma tensão criativa, como unos, ainda assim distintos; de alguma maneira, somente assimilável por intermédio da confissão de fé pessoal, indicando o mistério da Trindade divina.

Segundo a premissa naturalista, materialista e reduzida do humano, é perfeitamente plausível agir com base em motivos, isto é, com liberdade, e ainda assim arrazoar a favor da lei de causa e efeito que rege as ciências empíricas, diante da qual os processos que ocorrem no cérebro seriam somente a causa dos efeitos mentais (determinismo). Porém, será mesmo? Como se contestaria ao questionamento de que também esta afirmativa, prosseguindo-se esta lógica

²⁵ BÍBLIA Sagrada: Nova versão internacional, 2000. Atos dos Apóstolos 17.28; Colossenses 3.3.

²⁶ BENNETT et al., 2010.

²⁷ BENNETT et al., 2010, p. 19.

dedutiva, acha-se determinada pelos processos não visíveis que se desenvolvem no cérebro humano, de maneira que não se pode ter garantia alguma se decorre ou não de engano?²⁸

Para Peter Janich,²⁹ quando se pondera acerca do eu, da consciência, do livre-arbítrio, da responsabilidade da pessoa por suas ações, não satisfaz conectar esta alteração somente à metodologia de causa e efeito. Estes termos carregados de significado apenas adquirem sentido quando contemplados no contexto da pessoa toda, isto é, do Sujeito que faz cultura, fenomenologicamente espontâneo, onde a ciência, ao lado de suas metodologias, também se oferece como culturalmente condicionada por aqueles que a originaram:

As ciências da natureza acerca das pessoas não podem ser adequadamente descritas em seus meios teórico-linguísticos e técnico-experimentais se não forem considerados os dois lados da determinação ‘das pessoas’, a saber, serem ciências *das pessoas enquanto objeto* e serem empreendidas como ciências *das pessoas enquanto Sujeito*. A ingênua ou o presunçoso e deliberado ponto de vista arquimédico da observação da pessoa à parte do mundo nas ciências da natureza, sejam estas da biologia evolucionista, genética ou das neurociências, conduz à irresponsabilidade em um sentido literal da palavra.³⁰

Por este motivo, comete-se desordem “*teórico-linguística e técnico-experimental*” quando a matéria é a defesa de uma teoria naturalista frente aos *motivos* que levam um ente vivo, uma pessoa, a agir de um modo ou de outro. Não se faz objeção que o cérebro, em sua complexa rede neuronal, apareça como meio físico (integrado ao todo do organismo e ao meio) unido intimamente a tais motivos, porém, exclusivamente com base neste não se acha uma aclaração suficiente para o fenômeno da motivação, ou melhor, da própria vida. Esta transcende ao que o método causal pode esclarecer.³¹

Para os pesquisadores e pensadores materialistas o cérebro e os fenômenos mentais trabalham de modo determinado, ou seja, estabelecendo-se por intermédio de processos químicos e elétricos elucidáveis apenas pela lei de causalidade. Para estes, não fosse desse modo, não existiria liberdade, a saber, os fenômenos mentais

²⁸ GEYER, 2004.

²⁹ JANICH, P. *Kein neues Menschenbild*. Zur Sprache der Hirnforschung. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009.

³⁰ JANICH, 2009, p. 177-178.

³¹ JANICH, 2009.

seriam obras de um acaso sobre o qual não se tem autoridade. Nesta proposição não se nega o fenômeno da liberdade que caracteriza os humanos, isto é, ao se acatar a tese de uma determinação cerebral da mesma. A questão é, para tais pessoas, compreender *como* é determinado. A resposta que se apresenta é que a livre aptidão para se tomar decisões é gerada pela própria pessoa, por suas motivações que vão sendo formadas ao longo de sua história de vida, sendo estas determinadas pela “lógica” cerebral. Tais motivações, como tracejado por Pauen e Roth,³² são imprimidas no histórico de vida de uma pessoa, resultando de estímulos externos e de respostas recursivas emotivo-cerebrais, não conscientes. “A conclusão destas análises reza: cérebro e ambiente social não constituem nenhum antagonismo, porém, que o cérebro humano é o ponto de intercessão da disposição, desenvolvimento e ambiente social”.³³

Replica-se com a pergunta se as categorias *determinado* e *acaso* são suficientes para estudar o fenômeno da liberdade, das motivações pessoais históricas com fundamentos nos quais se vão assumindo permanentemente novas decisões, da consciência que supostamente emerge do substrato emotivo-cerebral. Não seria este um caso característico de silogismo, no qual se afirma uma premissa opondo-a a outra? É a elucidação do evento da emoção reduzível a reações químicas e elétricas? Não se trata, aqui, de negar a integração do cérebro, bem como do corpo humano como um todo em ininterrupta comunicação como o meio ambiente, na manifestação do eu, da mente, da consciência, da psique. O que se objeta é que o organismo vivo humano, em toda a sua complexidade, seja reduzível a estas observações.

Advoga-se por uma causalidade aberta na compreensão do humano, a exemplo do que ocorre em todo o Universo, como bem argumenta e demonstra a física alemã Barbara Drossel, em seu livro *E Agostinho confiava no entendimento. Porque as ciências naturais e a fé não se encontram em oposição*:

Diante do fato de que as leis da natureza não fixam, por completo, o que transcorre no Universo, Deus pode agir no mundo sem que, com isso, viole continuamente as leis criadas por ele mesmo. Isto significa que o Universo é ‘aberto casualmente’. A propósito, isto é semelhante às ações de nós seres humanos no mundo. Quando pensamos de modo lógico ou quando tomamos decisões, em nossas células cerebrais se desenvolve muita atividade elétrica. A distribuição exata desta atividade no espaço e no tempo não é, de antemão, quantificável e envolve uma mecânica quântica aleatória.

³² PAUEN; ROTH, 2008, p. 66-98.

³³ PAUEN; ROTH, 2008, p. 68.

Não há razão alguma para aceitar que, quando pensamos, alguma lei da natureza esteja sendo destruída. No entanto, se nossa atividade cerebral fosse, por completo, determinada, não poderíamos agir de modo livre, pois seríamos, antes, inteiramente definidos por meio do estado de nosso cérebro e do mundo material, do qual provêm suas impressões. O filósofo Karl Popper argumenta em seu livro 'O Universo aberto' a favor de uma abertura causal do mundo. Este é um pressuposto para que nas atividades que nele se desenvolvem haja seres inteligentes.³⁴

A alma imaterial na perspectiva cartesiana, com seu lugar particular de originar o ser que pensa, parece não ser mais conceitualmente necessária diante do encanto exercido pelos novos conhecimentos que se sofisticam em torno do funcionamento do cérebro humano. Os saberes, ainda que não suficientes, acerca das atividades dos neurônios, em especial diante do paradigma explicativo de seu trabalho em rede, convertem o pequeno órgão cinzento em grande o suficiente para, como que em um "milagre" da evolução, fazer nascer o espetáculo da vida consciente em seus distintos aparecimentos. Argumenta-se, entretanto, se poderia ser a alma recusada, uma vez compreendida como manifestação da própria vida em que aparece um ser pessoal que pensa, sente e tem vontade. A vida humana, consciente de si, já na mais jovem idade, antecede qualquer alusão racional que a procure explicar.

O fato é que a ideia de alma não se apaga. Quando gregos e romanos relacionavam a concepção de alma à vida, não a reduziam a suas expressões, como a consciência, os sentimentos, as emoções e a vontade - pois não haveria vida, mesmo quando ela não é completamente consciente, como na ocorrência de pessoas portadoras de doenças degenerativas? De maneira que, ao asseverarem que a alma é a vida do corpo, tal corresponde muito mais à percepção de um fenômeno do que propriamente de uma informação empírica que demanda uma determinada epistemologia. Quando tal limite não é levado em conta, facilmente se cai em posições materialistas monistas ou idealistas dualistas.

A perspectiva aristotélica, por assim descrever unidual, paradoxal e filosoficamente alvissareira, depara seu maior desafio quando se trata de ser refletida metodologicamente, com o fim de direcionar as ações em torno dos conhecimentos produzidos em distintas áreas do saber. E parece ser no campo da saúde das pessoas que esta poderia prosseguir revelando grande produtividade, mas também nas

³⁴ DROSSEL, B. *Und Augustinus traute dem Verstand. Warum Naturwissenschaft und Glaube keine Gegensätze sind.* Brunnen Verlag: Giessen, 2013. p. 29-30.

discussões éticas e do envolvimento com a poimênica e aconselhamento pastoral. Requer-se sustentar uma espécie de tensão criativa entre o corpo e a vida que nele se manifesta, não sujeitando um ao outro e nem os separando como se não fossem partes de um todo indivisível.

Não é apropriado, assim o entendimento aqui discutido, reduzir o debate sobre a existência da alma à possibilidade ou não de ser comprovada pelo princípio de causa e efeito. Apoiar-se, antes, que corpo e alma carecem ser acolhidos como estes se apresentam à consciência das pessoas, isto é, como realidade unidual e, a partir daí, discutidos. Tal demonstra ser a melhor “imagem de pessoa” a ser afiançada. Por detrás de uma ação, um pensamento, uma emoção, uma decisão, acha-se sempre uma pessoa por inteiro, um organismo vivo, um ser feito carne, nunca tão somente um corpo material ou parte dele. E, do mesmo modo que se é atraído, em uma perspectiva aristotélica, a encarar a vida como fato indivisível, assim também no que se refere à morte. A teologia cristã nem sempre foi unânime a respeito de seu entendimento sobre o tema do pós-morte. De um modo ou de outro, porém, a esperança anunciada por sua mensagem centra-se não na morte, mas na ressurreição para a vida.

O dualismo de corpo e alma é o calcanhar de Aquiles do cartesianismo. Entretanto, acrescenta-se, também das ciências naturais e humanas até o presente. Será mesmo que algum dia a humanidade alcançará êxito, por meio das ciências ou algum outro meio, sem o auxílio daquele que criou homem e mulher à sua imagem, em deixar de fragmentar o humano e toda a realidade que o cerca? A pessoa e as manifestações da consciência, corpo e alma, mente e cérebro são um fenômeno aberto não reduzível. Esta é, ao menos, a experiência que se faz diariamente. Na perspectiva do ser, a pessoa consciente é livre, condicionada por uma causalidade aberta, não determinada.

4. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS, ANTROPOLÓGICAS E TEOLÓGICAS

Apontou-se para um modelo de referência no qual a pessoa e a imagem que dela se faz são recebidas em sua integralidade, expressão una e única de um ser vivo com particularidades biopsicossociais, relacionais e espirituais. Não se nega a importância do cérebro na aparição da vida consciente, jamais dissociada, porém, da pessoa como um todo. A liberdade da pessoa, em sua aptidão para decidir e, assim, ser responsabilizada por seus atos, ainda que não de modo absoluto e à luz de algum código de exigências moralista, somente pode ser defendida considerando-se tal quadro de referência. As classes *determinado* e *acaso* se oferecem como não suficientes para um enfoque coeso acerca do fenômeno da vida consciente. É no contexto do julgamento das ações de

peças neurais e mentalmente adoecidas e do direito penal que o tema adquire estatuto decisivo e nenhuma ética que perca de vista o ser humano enquanto um todo indivisível contribui para as necessárias reflexões sobre liberdade e responsabilidade na atualidade. Tomado sob outro ângulo, sustenta-se a mesma afirmativa, isto é, nenhuma ingerência no cérebro humano, cirúrgica ou farmacológica, com vistas a curar enfermidades neurológicas ou para melhoramento cognitivo, é intencionalmente neutra. O tema é de grande complexidade, amplo e exige mais apreciações, inserindo-se no que se vem nominando de saber neuroético.

Para a pastoral que se concentra no cuidado para com as pessoas, à luz da mensagem evangélica cristã, as indicações que podem ser feitas são também amplas. A vida pessoal, espiritual enquanto fenômeno uno que não se repete, precisa ser valorizada e zelada. É neste padrão que todas as manifestações de cuidado, inclusive o pastoral, podem ser genuinamente amparadas. Não se exime ninguém de sua liberdade de escolha e responsabilização por suas ações, ainda que por vezes devam ser condicionadas por circunstâncias atenuantes, como na ocorrência de doenças e de condições desfavoráveis de determinado meio. Nenhuma pessoa é livre e responsável isoladamente.

Seria trabalho impraticável atuar pela defesa de um enfoque que leve a um saber transdisciplinar, no qual mente e corpo são observados sistemicamente? É possível manter um sítio aberto, no qual haja espaço para perguntas não respondidas e que talvez nem possam ser replicadas?

Na pastoral cristã do cuidado com a pessoa integral não se pretende salvar a ideia do Sujeito moderno, nem tampouco alguma outra imagem praticada em algum outro tempo da história da humanidade. Entretanto, também não se nega o humano enquanto pessoa criada à imagem e semelhança de Deus. O ser humano é sempre necessitado de reconciliação, ainda que criado livre e para a responsabilidade. Ao passo que se defende uma antropologia da pessoa por completo, não se ilude que o mesmo seja bom em sua essência. A pessoa não é determinada neurologicamente, mas pela realidade do pecado que nela se manifesta. Ainda que na presente abordagem não se tenha discutido a transgressão humana, parece evidente que sua afirmação somente pode ser admitida se a imagem que se tem da pessoa é aquela que o situa como criatura divina. A manifestação da presença santa do Deus triúno possibilita a consciência da pessoa em ser sua criatura e carente de reconciliação.

A mensagem cristã é aquela que testemunha o amor de Deus e a reconciliação em Jesus Cristo, para correção e amadurecimento de uma imagem de pessoa que já lhe é intrínseca. Este testemunho não procura nas ciências provas, no sentido da razão

moderna, da existência de Deus e da plausibilidade da mensagem cristã. Tal anúncio se encarna no testemunho da graça de Deus em Cristo, experimentada por homens e mulheres através da história da humanidade. Ela segue livremente o seu curso, como que analogicamente, onde a vida em sua manifestação como fenômeno único aponta e reclama a vida eterna por meio da experiência da reconciliação.

Nenhuma aproximação reduzida à pessoa auxiliará para compreendê-la melhor. As ciências não precisam ser cativas de uma cultura que nega a pessoa. Aqui a causalidade como princípio que orienta as ciências naturais localiza-se fronteiriçamente com um ser humano em busca constante de significado. Para além de qualquer dualismo, a mensagem e contribuição cristã para a sociedade é aquela que proclama e propõe viver em comunidade a pessoalidade que se encontra escondida e reconciliada naquele que criou homem e mulher à sua imagem.

Todas as vezes que se ultrapassam as fronteiras de responsabilidade, as consequências são confusão e polarizações inúteis. E, ironicamente, é isto que ocorre permanentemente em todas as áreas da existência em sociedade, também quando o assunto é o entendimento da pessoa. Tanto as ciências regidas pela lei de causa e efeito como a teologia cristã necessitam dar-se conta das perguntas que procuram responder, de suas possibilidades e limites, das fronteiras dentro das quais elaboram suas perspectivas e discursos. Respeitando-as, a Teologia e a ciência podem contribuir e cooperar para o entendimento daqueles que são o alvo do amor de Deus:

Devido ao fato de que a fé e a ciência lidam com perguntas distintas, elas têm suas respectivas áreas de responsabilidade. À responsabilidade da ciência pertence a coesão interna do mundo, a saber, a descrição dos processos na natureza por meio das leis de causa e efeito e a busca dos princípios gerais por trás dessas leis. Assim, as ciências naturais estabelecem a pergunta pelo 'como'. O domínio da fé cristã, no entanto, é a revelação e o plano de salvação de Deus. Trata-se das perguntas pelo 'quem' e 'por que'. Como salientamos anteriormente, a fé está preocupada com a explicação 'pessoal' do mundo, sua origem e destino. Ela lida com os propósitos de Deus, seus critérios de valor e seu amor para com o ser humano. Se as responsabilidades da fé e da ciência forem confundidas chega-se a uma ultrapassagem de fronteiras, nas quais cientistas consideram poder dizer algo sobre o significado (ou falta de sentido) do Universo, e pessoas religiosas acreditam serem capazes, com base nas doutrinas bíblicas, [de] deduzir algo sobre as condições da natureza.³⁵

³⁵DROSSEL, 2013, p. 33.

REFERÊNCIAS

BECKERMANN, A. **Gehirn, Ich, Freiheit**. Neurowissenschaften und Menschenbild. Paderborn: Mentis, 2008.

BENNETT, M. et al. **Neurowissenschaft und Philosophie**. Gehirn, Geist und Sprache. Berlin: Suhrkamp, 2010.

BÍBLIA Sagrada: Nova versão internacional. São Paulo: Vida, 2000.

BREIDBACH, O. **Neue Wissensordnungen**: Wie aus Informationen und Nachrichten kulturelles Wissen entsteht. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

DROSSEL, B. **Und Augustinus traute dem Verstand**. Warum Naturwissenschaft und Glaube keine Gegensätze sind. Brunnen Verlag: Giessen, 2013.

FISCHER, G. J. A pessoa: fenômeno causal ou espontâneo? Exame crítico das objeções de Ansgar Beckermann à existência da alma. **Revista Pistis Praxis**, v. 5, n. 1, p. 59-90, jan./jun. 2013a. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pistis>>.

_____.; FACION, J. R. Uma nova imagem de pessoa? Neurociências e filosofia: possibilidades e limites. **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 288-303, 2011.

GEYER, C. Vorwort. In: GEYER, C. **Hirnforschung und Willensfreiheit**. Zur Deutung der neuesten Experimente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004, p. 9-19.

PAUEN, M.; ROTH, G. **Freiheit, Schuld und Verantwortung**. Grundzüge einer naturalistischen Theorie der Willensfreiheit. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

TRETTNER, F.; GRÜNHUT, C. **Ist das Gehirn der Geist?** Grundfragen der Neurophilosophie. Göttingen - Bern - Wien - Paris - Oxford - Prag - Toronto - Cambridge, MA - Amsterdam - Kopenhagen - Stockholm: Hogrefe, 2010.

JANICH, P. **Kein neues Menschenbild**. Zur Sprache der Hirnforschung. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2009.

LIBET, B. Haben wir einen freien Willen? In: GEYER, C. (Edit.). **Hirnforschung und Willensfreiheit**. Zur Deutung der neuesten Experimente. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004, p. 268-289.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional